

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**COGEAE-COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO**  
**APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO**  
**Programa de Estudos pós-graduandos em Língua Portuguesa**

**MARIA FERNANDA BASSI RODILHANO**

**A LEITURA DE CLÁSSICOS NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E**  
**PERSPECTIVAS**

**SÃO PAULO**

**2015**

**MARIA FERNANDA BASSI RODILHANO**

**A LEITURA DE CLÁSSICOS NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS**

Monografia apresentado para obtenção do título de especialista no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa, da Cogea-PUCSP, sob a orientação do Prof. Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira.

**PUC-SP  
2015**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>04</b>
<b>1. A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: QUAIS AS DIFICULDADES? ..</b>	<b>07</b>
1.1 A DIFICULDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ASPECTOS HISTÓRICO E SOCIAL.....	07
1.2 A LEITURA E SEU ESPAÇO DENTRO DAS ESCOLAS.....	13
1.3 VENCENDO OS DESAFIOS DA LEITURA.....	17
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DOS CLÁSSICOS.....</b>	<b>24</b>
2.1 A LITERATURA E SUAS CONDIÇÕES LEGAIS.....	24
<b>3. PESQUISA COM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>33</b>
3.1 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA CORROBORADOS COM A TEORIA.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## RESUMO

Este trabalho pretende discutir o desafio de ensinar literatura no Ensino Médio, tratando mais especificamente das dificuldades da leitura literária no processo de escolarização. Podemos afirmar, sem medo de errar, que a prática da leitura literária é fundamental, porém, no ambiente escolar, as estratégias de abordagem do texto literário não contribuem para que os alunos atinjam uma compreensão heterogênea da literatura. A partir da teoria, realizaremos uma pesquisa e comprovaremos que é uma tarefa difícil fazer com que os jovens leitores estabeleçam íntima relação com a leitura literária.

Apesar das dificuldades apresentadas pelos alunos nas ocasiões em que a prática da leitura literária precisa ser desenvolvida, consideramos fundamental a leitura dos clássicos, por comprovadamente aumentar o poder de reflexão e crítica dos estudantes.

A leitura literária, hoje, não é motivada, o aluno é engessado e não pode se expressar, portanto, é necessário promover o sucesso do processo de ensino-aprendizagem da leitura e da literatura, contribuindo para a construção de uma relação estreita entre o texto literário e o leitor.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por tema um estudo das dificuldades da leitura literária no Ensino Médio. O tema surgiu a partir dos desafios do ensino da literatura erudita em sala de aula, com alunos do 3º ano do Ensino Médio, observando a real dificuldade e falta de interesse para com a leitura de clássicos, tão necessária para o crescimento intelectual e cultural desses alunos. Esta pesquisa se justifica, portanto, pelas dificuldades em encontrar estratégias que possam ser aplicadas em sala de aula, objetivando a mudança desse lamentável quadro.

Como professores de Língua Portuguesa, sabemos que é necessário o interesse do aluno por leituras literárias, pois é a partir dos clássicos e também de outras leituras que esse aluno pode perceber a literatura e a própria leitura como ações culturais e dinâmicas.

Observamos, porém, a dificuldade da leitura de clássicos da literatura que muitos alunos apresentam nas ocasiões em que essa prática precisa ser desenvolvida. Tal dificuldade pode ser fruto de razões diversas, como a pouca atenção dispensada na educação básica a esse tipo de leitura; a visão superficial que muitos alunos têm em relação aos clássicos; a distância que os alunos impõem entre essas obras e a modernidade; e até mesmo o conjunto de trechos de textos presentes em apostilas e livros didáticos que sempre reproduzem os mesmos escritores e as mesmas explicações.

A leitura literária, hoje, é “motivada” para que, ao seu término, os alunos façam algum tipo de avaliação que abrange o texto de forma superficial e meramente decodificadora, pois a própria grade curricular engessa o aluno, que chega à escola com seu repertório de leitura tolhido, sem liberdade e condições para se expressar. A leitura e a literatura, portanto, ficam restritas a exercícios isolados, sem que os alunos percebam essas práticas como ações historicamente construídas, formadoras de opinião e motivadoras de reflexão.

Esse quadro de falta de interesse por parte do aluno não vai ser modificado enquanto a escola não apresentar a ele o exercício da leitura como atividade relacionada ao senso crítico da sociedade que o rodeia e ao contexto político e histórico em que está inserido. Ivanda Maria Martins Silva (2003), em seu texto “Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar”,

explica a falta de comprometimento da escola em relação às leituras dos alunos:

Em sala de aula a leitura consolida-se cada vez mais como atividade atrelada à obrigação da rotina de trabalho, ao passo que o ato de ler como forma lúdica e prazerosa de reconstruir mundos possíveis revela-se uma prática pouco discutida e concretizada. Como já referimos, a imposição da leitura do livro didático e das leituras “prontas”, idealizadas pelo professor, sufocam a descoberta da leitura por prazer. Tais fatores certamente inibem o aluno, direcionam sua compreensão no sentido de ver a literatura como fenômeno que se pode decorar para se fazer um teste, um exercício, ou para responder às questões objetivas do vestibular. Os alunos afastam-se, assim, dos textos literários, encaram a literatura como algo antiquado, complexo, distante de sua realidade (p.518).

Dessa forma, as escolas “formam o “leitor reproduzidor”, já que há limitações na exploração didática da leitura como predomínio de perguntas que incutem, no aluno, a noção de leitura como “constatação” e não como construção ou negociação de sentidos” (SILVA, 2003). A autora utiliza como referência Ezequiel da Silva, que afirma que a escola forma “ledores”, não leitores críticos que conseguem estabelecer conexões entre a obra literária e sua época de produção.

A escola não motiva o aluno a realizar a leitura dos clássicos, não deixa o aluno ter sua própria interpretação das leituras realizadas em sala de aula e, além do mais, muitos professores constroem um mito de que a literatura erudita é difícil, muito complexa e inacessível para os jovens leitores, subestimando sua capacidade e seu interesse sobre o papel da literatura na sua formação. O aluno “ledor”, então, só efetua leituras rápidas e automáticas de textos da internet, não sendo orientado para a leitura de um texto com maior profundidade e, como consequência, não se torna um leitor crítico. Dessa forma, a leitura dos clássicos é uma prática que deve ser treinada, pois é indispensável para ampliar os horizontes dos alunos, fazendo com que vejam a literatura como prática cultural. Sobre isso, Silva (2003) comenta:

O indivíduo precisa cada vez mais ler, a fim de aumentar sua bagagem cultural e suas experiências de leitura. Por outro lado, apesar desses avanços nas novas tecnologias, enfrentamos

um processo de massificação cultural, em que a maioria dos indivíduos não consegue fazer uma leitura crítica do mundo. Nesse contexto, a leitura é praticada de modo superficial, devido à rapidez e à velocidade das informações que trafegam na internet (p.519).

Assim sendo, propomos como objetivos desta pesquisa: geral: demonstrar que os clássicos são fundamentais para a formação de um aluno intelectualmente crítico; específicos: 1) identificar os motivos das dificuldades da leitura de clássicos no Ensino Médio e comprovar a teoria por meio de questionários aplicados em uma sala de aula do 3º ano do Ensino Médio; 2) trazer as experiências de nossos alunos por meio desses questionários aplicados em sala.

Apesar de perceber as dificuldades e o desinteresse dos alunos, como educadores, consideramos fundamental a leitura dos clássicos, por comprovadamente aumentar a cognição dos estudantes. Segundo Calvino (2007), “os clássicos devem ser lidos porque “servem” para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”.

Isso não significa que o aluno não possa ler textos mais rasos e menos reflexivos, pois as obras de menor valor também provocam efeitos no leitor. Porém, não podem ler apenas esse tipo de texto, o interessante seria uma literatura que unisse textos de maior valor e de menor valor, formando um conjunto de leituras que nos levam a refletir, portanto nos humanizam.

Nessa perspectiva, após a leitura dos textos teóricos e a seleção das informações essenciais, ressaltaremos a importância da leitura dos clássicos para uma reflexão da sociedade em que vivemos, como procedimento metodológico da pesquisa. Por fim, aplicaremos questionários em uma classe do 3º ano do Ensino Médio, objetivando analisar as respostas dos alunos para poder responder à nossa pergunta de pesquisa: Por que os alunos do Ensino Médio são tão resistentes à leitura dos clássicos da literatura?

## 1. A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: QUAIS AS DIFICULDADES?

Neste primeiro capítulo, vamos relatar a dificuldade da leitura no ensino escolar, mais especificamente no ensino médio. Examinaremos o motivo pelo qual se tornou tarefa tão desafiante despertar o interesse e o prazer dos alunos pela literatura.

### 1.1 A DIFICULDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ASPECTOS HISTÓRICO E SOCIAL

Há vários estudiosos que se debruçaram e se debruçam sobre esse tema. Dentre eles, Quelhas (2015), que aponta como dificuldade na formação de leitores críticos o fato de vivermos um momento cultural em que os embates da sociedade capitalista fazem com que a arte e a literatura também ocupem lugar de objetos de consumo. A evolução da sociedade em suas condições humanas e sociais não garantiu mudanças e nem mesmo melhorias significativas na formação de leitores. Na intenção de evidenciar tal estagnação, temos uma citação de Leite (1984): “Nada impressiona tanto o estrangeiro como essa ausência de livros nas casas brasileiras” (p. 75).

Hoje, três décadas depois, a constatação de Leite (1984), infelizmente, ainda ilustra perfeitamente nossa realidade cultural, que está empobrecida e tende a piorar com o sucateamento do ensino público nacional. Segundo Quelhas (2015), há um paradoxo quando observamos que as mudanças sociais, culturais e tecnológicas evoluíram num ambiente em que as leis de mercados predominam como promotoras de vendas; ou seja, tivemos êxito em relação ao quadro financeiro, mas paralisamos em relação à evolução do intelecto, pois o poder de consumo tornou-se mais valioso do que o poder do saber.

Quelhas (2015) relata que desde os livros de José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908), no Brasil, os folhetins e romances começaram a cativar e conquistar a admiração de muitos leitores, tanto homens quanto mulheres. Mesmo diante de inúmeras dificuldades

institucionais e sociais para a formação de sujeito letrados, nosso país conseguiu ganhar, gradualmente, um número significativo de leitores, o que acabou originando uma nova fonte de preocupações, que iam desde censura religiosa até familiar, visto que era temido e ainda desconhecido o poder de transformação dos livros.

No processo de popularização da leitura, século XX, os livros eram utilizados nas práticas de catequese e exerciam papel de condutores morais e transmissores de bons exemplos, gramaticais inclusive, conforme cita Quelhas (2015):

No início do século XX [...] prevalece a função literária educativa e moralizante, o que foi útil nos livros didáticos, antologias e gramáticas, que se valeram abundantemente de exemplos retirados das páginas dos clássicos. Tem-se uma língua irretocável, mas artificial, privilegiando o uso da correção e da imitação de um “bem escrever” que só se encontra nos livros (p. 37).

Nas primeiras décadas daquele século, os acontecimentos sociais e políticos acabaram originando e impondo questões incontornáveis, pois houve uma tomada de consciência a respeito das contradições da sociedade em relação à cultura, que era ultrarrestrita. A leitura permitia aos indivíduos informações valiosas e liberdade de pensamento, porém, tais formulações idealistas da cultura eram contrapostas à terrível realidade da sociedade (QUELHAS, 2015).

Num breve apanhado histórico, Quelhas (2015) menciona que a situação social da República Velha (1889-1930) precisava ser modificada e, por esse motivo, o Governo e a Igreja Católica retomaram suas alianças, oficializando o ensino religioso nas escolas em meados da década de trinta. O cenário então implantado servia perfeitamente ao processo de industrialização do país, “que necessitava cada vez mais da mão de obra escolarizada” (QUELHAS, 2015). Sabemos que algumas contradições existiam e já havia um burburinho sobre a indignação diante das políticas públicas precárias, que ecoam até os dias atuais em diversas escolas e demais instituições.

A solução mais vantajosa para a questão foi o uso e a apropriação capitalista das artes, inclusive da literatura, visto que por meio da manipulação

desses meios chega-se à aniquilação. Sobre isso, temos a seguinte constatação:

[...] Nesse viés de compreensão da ambivalência das denominações tão utilizadas, consideramos esforços vãos as tentativas de formar leitores com a expectativa dominante de prazer ou de fruição – estes não se excluem. Portanto, detemo-nos na formação de leitores que explora emoção e cognição, o sentir e o pensar em atos comunicativos cujo suporte pode ser o texto escrito ou não. No lugar social de professores, pensemos no exercício de nossos trabalhos em sala de aula (QUELHAS, 2015, p. 39).

Como apontado, os problemas com o avanço intelectual e a formação de leitores são de origem histórica e política. Nossa sociedade foi moldada em pilares hierárquicos e não foi permitido aos indivíduos o poder do pensamento livre, por isso, os livros e outras expressões artísticas foram podados de modo que não fossem “perigosos” para o governo.

Percebemos, então, que nossas lutas atuais refletem situações antigas e a necessidade de transformar as raízes culturais manipuladoras é urgente. Observamos que muito além de conteúdos essenciais ao desenvolvimento acadêmico, os livros permitem a autonomia e a libertação do pensar, faz com que nossos alunos compreendam que existem muitas formas de olhar o mundo ao redor.

Para garantir a mudança da nossa realidade em relação à leitura, é preciso envolvimento, comprometimento e muito trabalho dos professores que ensinam línguas e literatura, no desafio de promover o interesse e a reflexão dos alunos, lançando mão de uma variedade de textos. Segundo Quelhas (2015), é necessário levar para a sala de aula a diversidade que aparece de forma implícita na textualidade, sempre investindo na experiência significativa, com o cuidado para não induzir qualidades negativas nem positivas das experiências daqueles que leem. Esse trabalho envolve caráter urgente, pois somente assim tais experiências poderão gerar aprendizagens significativas e mobilizadoras de memória e de imaginação.

Quelhas (2015) destaca que a escola é ferramenta decisiva na promoção das experiências literárias de seus alunos, pois pode contribuir de modo intenso e efetivo na geração de eventos de letramento. Ainda tratando das marcas histórias e culturais que persistem em afastar nossos alunos da

literatura, Quelhas (2015) comenta que no *Jornal O São Gonçalo* uma matéria publicada em 1954, escrita por Elza Fontes Caravana, criticava a realidade educacional da cidade, indagando a ausência de bibliotecas públicas no município. A matéria publicada na época aponta afirmações da escritora defendendo a necessidade da leitura para todos, pois esta é alimento da inteligência e da sensibilidade, além de permitir a construção de elos sociais por meio do compartilhamento de significados e de valores.

O que se pretendeu mostrar foi o fato de o ensino fundamental e médio, até o final da década de 1990, terem sido utilizados exclusivamente para o mercado de trabalho. Sendo assim, o acesso às bibliotecas e aos espaços que valorizavam a leitura não eram considerados interessantes, pois auxiliavam na formação de sujeitos emancipados; e, conforme já citamos, não era interesse para o governo da época que homens e mulheres alcançassem a emancipação intelectual, tornando-se aptos a fazerem escolhas, assumi-las e aplicá-las socialmente.

Outro problema que pode interferir na formação de leitores plenos nas escolas atuais é o fato de os textos literários entrarem em choque com saberes já internalizados de leitores dentro e fora dos espaços escolares. Esses textos literários exigem mais tempo e atenção dos leitores, além de oferecerem a reflexão sobre questões problematizadoras - aquelas que tratam de assuntos como religião, sexualidade, etnia, entre outros - que já são consideradas imutáveis pela maioria dos indivíduos.

Quelhas (2015) cita que a cultura escrita trabalhada nas escolas ainda se faz insuficiente para formar leitores, pois mesmo que tenham aprendido a ler e reconheçam a importância social da leitura, não são instigados a leituras questionadoras, que demandam envolvimento e dedicação daquele que lê.

Segundo Zilberman (2001), a leitura pode transformar, mas também transtornar leitores, essa prática necessita de tempo para construir ações de compreensão e socialização. Nesse cenário, o esforço da escola é incontestável para a difusão da leitura literária, que promove o pensamento crítico dos leitores. No entanto, nossos alunos ainda aprendem a pensar de acordo com pensamentos alheios, pois isso lhes é imposto, os jovens leitores não são livres para acrescentar sua própria interpretação de leitura. Sobre isso, Silva (2003) afirma:

[...] o texto literário não pode ser compreendido como objeto isolado, sem as interferências do leitor, sem o conhecimento das condições de produção/recepção em que o texto foi produzido, sem as contribuições das diversas disciplinas que perpassam o ato da leitura literária, inter/multi/transdisciplinar pelas própria natureza plural do texto literário (p. 521).

É essencial que a atividade da leitura esteja intimamente ligada à reflexão crítica do mundo, do contexto histórico, social e político em que o aluno-leitor está inserido. Essa atividade de leitura ainda é pouco praticada e é fato que tende a ser ainda menos, com o advento da das redes virtuais de comunicação, que tornam a leitura e a escrita duas práticas automáticas, rápidas e superficiais. As pessoas se comunicam por mensagens curtas e só dizem o necessário, abreviam o mais que podem o conteúdo a ser transmitido.

Contudo, há quem acredite que a prática da leitura se difundiu e Quelhas (2015) esclarece que atualmente é realmente comum lermos ou ouvirmos afirmações sobre o fato de que “os brasileiros leem mais”. Tal constatação vem se repetindo desde a década de 90, provavelmente com a popularização da internet. Porém, a realidade é que existem sim mais livros e textos, quantitativamente, mas a qualidade da leitura não melhorou, continua aquém dos resultados esperados, fato que é provado pelos resultados dos exames nacionais e internacionais que avaliam a capacidade leitora de nossas crianças e jovens.

É inegável, portanto, que a escola tem papel fundamental na motivação e na formação dos leitores críticos, aqueles que ultrapassam os limites da leitura superficial, mera decodificação e que pensam na leitura e na literatura como práticas cultural e historicamente construídas. Porém, não é nenhuma novidade que o Estado investe menos do que é necessário na educação de nosso país, com isso temos a formação de nossos alunos “remediada” e muitas vezes alicerçada apenas pela boa vontade dos professores e da equipe escolar, que sentem vontade de mudar o sistema educacional. As práticas reforçadas nas escolas estaduais reproduzem a leitura extensiva massiva, que se preocupa com a diversidade de textos que os estudantes conhecem, mas não aperfeiçoam o modo de ler. Para Chartier (2001):

A leitura intensiva seria definida pelas práticas de um leitor que lê poucos livros e os insere na linha da tradição, internaliza saberes, repetindo-os; enquanto a leitura extensiva encaminha um contato maior com a diversidade de textos, sem conferir sacralidade ao que é lido, nem aos seus autores. Nas sociedades republicanas, é óbvia a importância da leitura extensiva na formação de leitores, pressupondo-se os vínculos entre conhecimento e exercício da cidadania; no entanto, há algo de valor no modo como a leitura intensiva marca a vida de leitores, mesmo que não se queira manter a sacralidade do que é lido.[...] sugerimos que há algo a se aprender com ambas as experiências de leituras: diversidade de textos e leituras significativas são indispensáveis na formação de leitores [...] a dicotomização – *ou isso ou aquilo* – não nos ajuda a prosseguir caminho (p. 45).

Na escola, a leitura é praticada tendo como objetivo a interpretação rápida e superficial de textos, em detrimento da troca de experiências de leitura e de discussões sobre as possíveis interpretações dos alunos, que ficam em segundo plano. Além dessa “leitura dinâmica” de textos, diversos gêneros são apresentados aos alunos em poucas páginas do material didático. No entanto, não é interessante que um sujeito apenas conheça inúmeros gêneros textuais, mas não consiga ler e interpretar com clareza um único livro sugerido.

Como os alunos não são motivados, atualmente, cita Soares (2002), as leituras preferidas são aquelas que não problematizam os saberes dos leitores, que não fomentam a reflexão, não apresentam desafios implícitos no processo do letramento e nem estabelecem vínculos com as funções que atuam ativamente na formação de leitores. Ou seja, nossos leitores querem textos que não exijam o exercício do pensar, fato preocupante, que garante o comodismo e a ausência da evolução e do amadurecimento intelectual.

Enquanto nós, professores, auxiliares no processo de formação de mentes pensantes, continuarmos em nossa zona de conforto, não haverá mudanças na abordagem da leitura por parte da escola. Para que a emancipação do conhecimento aconteça é preciso esgotar nossas fontes de saberes de todos os modos que a literatura permitir. Os exercícios de questionamento e revisão de valores e atitudes propostos pelas leituras são trabalhosos, porém são eles que farão a diferença no amadurecimento acadêmico e pessoal dos alunos.

## 1.2 A LEITURA E SEU ESPAÇO DENTRO DAS ESCOLAS

Segundo Wilson e Morais (2015) a importância do ensino da leitura e sua prática se tornou um consenso na contemporaneidade. É claro que, há tempos, todos defendem não apenas o direito à alfabetização mas também a ampliação de políticas de promoção da leitura para crianças, jovens e adultos. Diante desse cenário, é imprescindível o acesso ao livro em suas diversas formas, configurações, temas e estilos para todos aqueles que estão iniciando ou já concluíram a alfabetização. Assim, será possível o início e a perpetuação de práticas de leitura na vida cotidiana dos alunos.

Ler é um exercício essencial, assim como a necessidade de compreender tal exercício e as práticas dele decorrentes como produtos culturais e complexos. Sobre o tema, Wilson e Morais (2015) acrescentam:

Há possibilidade de ver, viver, experimentar um mundo de modo diferente de uma concepção que nos é apresentada de forma pronta e acabada. Todos os textos identificam novas possibilidades de ver e ler o mundo para, assim, podermos escrevê-lo, escrever a nossa história dignamente, com atitude, crítica e respeito ao outro (p. 09).

Atualmente nos deparamos com uma sociedade globalizada, que exige dos sujeitos certa bagagem cultural, determinados conhecimentos e, para isso, temos a escola, que assume função de grande importância no sentido de promover a chamada “desaristocratização” da cultura, ação que só será concretizada quando pensarmos novos modelos de formação de leitores e novas práticas de leitura (WILSON e MORAIS, 2015), pois enquanto a escola não abordar a literatura como uma possível forma de ler o mundo que nos cerca, não encontrando uma relação direta entre os textos literários e o cotidiano dos alunos, estes não a perceberão como espaço de construção e interpretação de mundos possíveis.

Muitas escolas nem apresentam a biblioteca a seus alunos, o que prova que não encaram a literatura e/ou a leitura como função social e que não a promovem fora do ambiente físico das salas de aula. Para Dias, Silva e Moura (2015), o contato dos alunos com a leitura no espaço da biblioteca nas escolas fornece oportunidades para experiências de problematização, por meio do

estranhamento, da surpresa e do encantamento, além de garantir experiência de reconhecimento, elemento essencial para o processo de aprendizagem autônoma. Nesse contexto, existe ainda a oportunidade de abstração por parte do aluno, que será capacitado para a leitura de textos subjetivos, responsáveis pela transposição de limites do mundo habitado, como também dos limites já constituídos de si mesmo.

A biblioteca precisa ser vista como um espaço para explorar a prática da leitura em grupo e compartilhar as experiências vivenciadas por essas leituras. É necessário que o aluno se familiarize com o território da biblioteca da escola, por meio de uma aproximação inventiva capaz de envolver a escola, os livros, as leituras, os professores e os alunos como um todo (DIAS, SILVA e MOURA, 2015). Os autores atentam para o fato de que a “aproximação inventiva” é o termo que define a prática que busca o encontro com a leitura permitindo novos modos de ver, fazer e sentir a leitura dentro das bibliotecas.

A aproximação inventiva pode ser associada com o conceito da invenção não apenas como mais um processo, mas também como sendo uma possibilidade de percepção de sentidos e produção de novos significados. Se o aluno sente que ele pode trazer sua interpretação para o texto lido, ele abandona a condição de leitor reproduzidor, que tem a noção de leitura como mera constatação de fatos e não como (re)construção de sentidos.

Na intenção de prestar maiores esclarecimentos sobre o termo “aproximação inventiva”, Kastrup, Passos e Tedesco (2012, apud DIAS, SILVA e MOURA, 2015) ilustram:

Inventar vem do latim *invenire*, que significa encontrar relíquias ou restos arqueológicos. Tal etimologia indica o sentido do termo, tal como ele é particularmente utilizado no campo da psicologia cognitiva. A invenção não opera sob o signo da iluminação súbita, da instantaneidade. A invenção implica uma duração, um trabalho com restos, uma preparação que ocorre no avesso *do* plano das formas visíveis. Ela é uma prática de *tateio*, de *experimentação* e de *conexão* entre fragmentos, sem que este trabalho vise recompor uma unidade original, como um *puzzle*. A invenção se dá no tempo. Ela não se faz contra a memória, mas com a memória, produzindo, a partir dela, *bifurcações* e *diferenciações*. O resultado é necessariamente *imprevisível* (p. 17).

Compreendemos, então, a aproximação inventiva na perspectiva da problematização, em que a invenção faz o intermédio como ferramenta de produção de problemas ou questões sociais, históricas e políticas, que induzem o pensamento, enquanto vivenciamos uma relação estreita com o acontecimento presente. Ainda citando Dias, Silva e Moura (2015), tanto as aproximações inventivas como as práticas de leitura envolvem as práticas cognitivas em três aspectos: conhecer = fazer = ser.

Analisando ainda a biblioteca enquanto espaço de formação, enxergamos a leitura pelo prisma de uma prática cognitiva, uma atividade de busca no texto, com o objetivo de construir, reconstruir e negociar sentidos. Assim, durante a leitura, é possível ir além, captar seus ritmos, movimentos, velocidades, lentidões, além dos seus pontos de problematização. Os textos não devem ser simplesmente interpretados, precisam ser sentidos e, a partir daí, promover discussões, encontros e conversas (DIAS, SILVA e MOURA, 2015). Dessa forma, o aluno consegue entender o lado lúdico e criativo da leitura.

Na perspectiva da leitura como prática reflexiva, Deleuze (2004, apud DIAS, SILVA e MOURA, 2015) acrescenta que estudar os textos literários é extremamente interessante, visto que estes possuem grande potencial problematizador, além de permitirem a produção de experiências que ultrapassam os limites do texto, a subjetividade ou a objetividade do narrador, o que exigirá do leitor a ativação dos blocos de sensações, afetos e percepções pré-subjetivas e impessoais.

A literatura produz sensações que atravessam o vivido por um sujeito, mas que se encontram num plano distinto. Elas emergem da matéria sensível da linguagem, das palavras, da sintaxe, mas tocam o leitor como entidades imateriais, portanto uma ideia, uma singularidade, um afeto, uma diferença. Podem não acionar diretamente a lembrança ou a imaginação, mas apenas capturar o leitor na experiência do presente vivo, em sua plena afirmação. E, enquanto ultrapassa o plano do vivido, a literatura revela sua potência problematizadora (KASTRUP, PASSOS e TEDESCO, 2008, p. 269).

O ato de ler é diretamente proporcional ao ato de imaginar e a leitura - enquanto experiência e produção de sentidos - começa a diferenciar as imaginações inventivas quando permite que os alunos gerenciem sua

imaginação, de modo que consigam utilizá-la também como ferramenta facilitadora do conhecimento. De acordo com Dias (2012):

Imaginar possibilita deslocamentos. Colocando imaginar numa dimensão de agenciar-se com um trabalho, uma pesquisa, um ato de aprender, uma obra de arte; cabe dizer que este ato é um exercício de se deslocar. Ao mesmo tempo em que força o pensamento a se derivar daquilo que já está colocado como verdade, como objeto a ser descoberto, como função recognitiva de pensar o já pensado, é colocado como ato de invenção de si e do mundo. Na tarefa da pesquisa esta é uma função essencial para se fazer diferença e criar novos percursos e formas de viver e conhecer. Imaginar entre pesquisar e aprender opera uma máquina de inventar (p. 26-27).

Conforme os alunos adquirem a prática constante da leitura, começam a vivenciar exercícios permanentes de inacabamento, ou seja, nunca se bastam, garantindo a construção progressiva de sentidos, não apenas para as palavras do texto que leem, mas para a própria existência. Vale destacar que a literatura, para ser experimentada, precisa dialogar com o universo dos leitores em seu sentido mais amplo, logo, não é apenas a literatura erudita que deve ser explorada, o leitor deve buscar diferentes experiências em jornais, livros, revistas, entre outras formas de texto; pois tais leituras também são responsáveis no acionamento do gatilho da imaginação e de novas visões acerca do ato de ler, o que facilitará o trabalho com demais leituras no cotidiano escolar (DIAS, SILVA e MOURA, 2015).

Ainda falando sobre estratégias de aproximação dos alunos com a leitura, Dias, Silva e Moura (2015) ressaltam que é interessante pensar a biblioteca como território constante de conhecimentos e como espaço para garantir as práticas de leitura na escola. Nesse sentido, para mostrar que a biblioteca é um espaço social e, ao mesmo tempo, garantir ações que envolvam literatura, pode-se pensar em atividades que explorem a construção dos sentidos dos textos por meio da música, de algumas obras de arte; é possível organizar rodas para contação de histórias, confecção de cartazes, jogos e atividades físicas aliadas à leitura, pois todos esses exercícios podem facilitar o envolvimento dos alunos com a biblioteca, dando vida aos espaços escolares.

A íntima relação do aluno com a leitura garante sua formação acadêmica e pessoal e vale esclarecer que a relação do texto com o leitor não precisa ser construída apenas através do livro impresso, pois o que interessa é o conteúdo do texto. Se o aluno se relaciona com o texto, criando sentidos para ele, a história o envolve e ganha vida, na medida em que se liberta do papel, do computador ou de outro espaço físico.

É importante, ainda, apontar que, para intermediar o contato do aluno com a leitura, Dias, Silva e Moura (2015) destacam a importância do professor, que é o principal responsável nesse processo de engajamento literário por parte dos alunos.

Relatamos inúmeros benefícios e pontos positivos do trabalho com os diversos gêneros textuais, além de obras literárias conceituadas - consideradas canônicas - entretanto, sabemos que existe enorme dificuldade em fazer com que tais gêneros façam parte, de fato, das experiências de vida dos alunos. Para que tal ação seja concretizada, é necessário, primeiro, que esses sujeitos percebam os benefícios proporcionados pela leitura, além do prazer que esta carrega consigo.

O professor, enquanto intermediador desse processo de aproximação e identificação do aluno com a leitura, necessita estar completamente imerso nesse plano, garantindo, dessa forma, que o conteúdo seja transmitido de modo encantador, como ele próprio percebe a leitura. É essencial formar leitores que saibam que podem se apaixonar pelos gêneros que conhecem, que tenham em mente as diversas possibilidades que bons textos proporcionam, e como certos livros podem nos acrescentar profissional e pessoalmente. A leitura liberta os indivíduos do senso comum, garante novos olhares para o mundo, mas só conseguirá transmitir isso aos alunos o professor que vivenciar, de fato, tal experiência.

### 1.3 VENCENDO OS DESAFIOS DA LEITURA

Na tentativa de solucionar o problema do trabalho com a literatura nas escolas, Quelhas (2015) propõe o preparo teórico dos professores e profissionais da educação, a leitura fundamentada de textos que nos norteiam

e facilitam nossa compreensão acerca das possibilidades de mediação entre professor-aluno no cenário contemporâneo.

Também é necessário aos professores, de acordo com Chartier (2001), o exercício da leitura das realidades sociais já estabelecidas. Os professores precisam ter esclarecimento sobre a história cultural da escola em que trabalham, se há preocupação com o modo com que a realidade social se constrói; com o ato de pensar, de ler; se a educação facilita o acesso aos bens culturais com intermédio da escola; enfim, esse conhecimento do ambiente de trabalho é fundamental, visto que almejamos nossa inserção, além da dos alunos, no amplo universo da cultura letrada e escrita.

Os educadores devem identificar as práticas sociais também dentro da docência, para que não se apeguem a escolhas e preferências individuais, eximindo os alunos da qualidade de outras experiências significativas de leitura. É comum que os docentes tenham suas preferências literárias, mas elas não podem ser transferidas de modo imposto aos alunos (CHARTIER, 2001).

Sobre o aspecto negativo da imposição dessas leituras preferidas e idealizadas pelos professores, e até mesmo pelos livros didáticos, Silva (2003) afirma que:

constrói-se o mito de que a literatura é difícil, complexa e inacessível para os alunos, subestimando-se a capacidade interpretativa dos educandos. Soma-se a isso o fato de a escola enfatizar a leitura de textos clássicos com o objetivo de, à primeira vista, “facilitar” o contato do aluno com obras canônicas, para depois desenvolver a leitura de textos mais contemporâneos e experimentais. [...] (p.517).

Na verdade, a escola não consegue munir o aluno com ferramentas eficazes para a leitura do cânone. O jovem leitor tem acesso a roteiros prontos de interpretação e questões objetivas que não visam à reflexão sobre a leitura. Porém, esse quadro precisa mudar, já que um dos objetivos de maior importância nas escolas é a criação de mecanismos e ferramentas para entrelaçar o processo de alfabetização e o de letramento, que devem caminhar juntos para formar cidadãos que não leiam mecanicamente um jogo de códigos e signos da escrita, mas que leiam, reflitam e opinem sobre temas diversos. Nessa perspectiva, Quelhas (2015) acrescenta:

Formar leitores implica considerar o pensar uma atividade inseparável da existência, vivenciar a inquietação provocada pela leitura literária que pode levar ao aprendizado difícil do convívio com a incerteza, a busca pela verdade como construção capaz de conferir significados às experiências que atualizam o conceito de humanidade ou de humano. Leituras que transformam desdobram-se na vida, nas formas de conversação e de possibilidades de felicidade na interação entre sujeitos (p. 46).

Estudos recentes apontam que o número de alfabetizados aumentou no mundo todo, porém, a leitura continua sendo um desafio a ser construído na sala de aula e na vida. Para Quelhas (2015), o modo como se lê é aperfeiçoado com a experiência do que lemos, nisso incluímos leituras difíceis, fáceis, eruditas ou sociais, porque nos moldamos socialmente com a heterogeneidade. Quelhas (2015) ainda acrescenta que muitos gêneros textuais são excluídos dos currículos escolares, mas essa defasagem é mascarada. Sobre a leitura de textos que não são considerados clássicos, Silva (2003) comenta:

[...] A leitura de textos produzidos contemporaneamente e a inclusão de obras que apresentam uma estruturação pouco linear tornam-se práticas que ainda precisam ser mais valorizadas em sala de aula. Não estamos querendo questionar a importância da leitura dos clássicos, mas sim o modo como esses textos são impostos para os alunos no espaço escolar (p.517).

Dessa forma, o aluno despreparado para certas leituras, sejam elas clássicas ou contemporâneas, não é orientado para a função social da literatura e não consegue ler o mundo a sua volta, “experienciando”, nas palavras de Silva (2001), os textos. Segundo Hester (1972, apud SILVA, 2003):

[...] podemos preparar nossos alunos para “experienciar” um texto literário e devemos intensificar essa atividade. No entanto, não estamos plenamente aptos a produzir essa experiência como uma realidade mútua para nós e outros leitores. Em outros termos, a experiência da leitura literária é de natureza individual, varia de leitor a leitor e deve ocorrer de forma natural, considerando a privacidade do leitor em sua relação com o objeto literário. Cabe à escola propiciar ou criar

atividades que permitam ao aluno o desenvolvimento dessa experiência estética (p. 518).

Na tentativa de facilitar o acesso à leitura, uma ferramenta eficaz vem sendo promovida por algumas escolas: a socialização dos textos por meio das bibliotecas virtuais de domínio público. Esses espaços virtuais de sociabilidade facilitam o acesso ao livro, portanto, interferem qualitativamente no trabalho dos professores e garantem a leitura por parte dos alunos. Os leitores que não têm acesso a bibliotecas físicas ou não têm uma boa condição financeira para arcar com o alto preço de alguns livros -principalmente os clássicos, por serem mais conceituados - podem encontrar diversos títulos nas bibliotecas virtuais, que disponibilizam bens culturais a qualquer hora e lugar. Sobre o tema, Pierre Lévy (1999) dá sua contribuição:

Ciberespaço (que também chamarei de rede) [como] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (p. 17).

Chartier (2001) cita que as bibliotecas foram os primeiros espaços pensados com exclusividade para leitura, onde é exigido o silêncio e existe preparação para o ato de ler, então é justo que esse espaço permita adaptações e mudanças positivas, que acompanhem a atualidade, e continuem atraindo leitores à visitação. E acrescenta:

Em um mundo em que a leitura se identificou com uma relação pessoal, íntima, privada com o livro, as bibliotecas (paradoxalmente talvez, já que foram elas as primeiras, na época medieval, a exigir o silêncio dos leitores...) devem multiplicar as ocasiões e as formas de tomar a palavra ao redor do patrimônio escrito e da criação intelectual e estética. Nesse ponto, elas podem contribuir para a construção de um espaço público extenso na escala da humanidade (p. 121).

Concluimos a discussão sobre os espaços sociais de leitura com os apontamentos de Quelhas (2015), que afirma que é um desafio para os

educadores e para todos os sujeitos envolvidos no processo de educação o fortalecimento das práticas de leitura nas bibliotecas e a difusão desses espaços sociais. Com sua ampliação e evolução, há possibilidade de as leituras intensivas e extensivas serem acessíveis a um maior número de estudantes, e até mesmo encantá-los e despertá-los para um novo modelo de texto que pode ser envolvente e fascinante.

Com o sucesso da formação de leitores de qualidade, discentes e docentes são beneficiados, pois será possível fugir do campo dos antagonismos e exclusões, considerando que todos ensinam e aprendem simultaneamente.

Para Quelhas (2015), além da divulgação dos espaços sociais de leitura, também é de grande importância que educadores procurem conhecer o peso e a ação exercidos pela mídia nas escolhas literárias dos alunos. A sociedade atual é movida pela rede, se mantém conectada na maior parte do tempo, então é comum que tal força midiática exerça influências, principalmente no público adolescente, que passa por constante processo de mudança de ideias e comportamentos.

A internet - ferramenta tão temida por alguns educadores, pelo fato de acreditarem acabar com o pouco de interesse pela leitura que ainda sobrevive entre os jovens - pode ser usada a favor da educação, como espaço social de cibercultura, que propõe novos elementos para as práticas de leitura, garantindo que sejam ampliadas no tempo e no espaço as funções da escola, incentivando os alunos. De acordo com Quelhas (2015), a adesão das escolas a tais mecanismos é interessante, visto que enquanto instituição educacional está inserida numa rede de sociabilidade, com o objetivo de atingir o sucesso na formação dos alunos, portanto, não deve se excluir.

O que é necessário esclarecer é que não existe a intenção de abandono do trabalho cotidiano já marcado pelas relações presenciais, entretanto, existe a necessidade da reformulação de certos conceitos e métodos de trabalho nos ambientes escolares, não para substituição, mas como ferramenta de complementação do trabalho acadêmico.

Iser (1996) observou por meio de pesquisas em páginas e comunidades em redes sociais que têm como objetivo discutir livros e autores de literatura, que as referências mencionadas são de autores recentes e pouco conhecidos.

Porém, tal fato não deve ser encarado como desanimador, pois a ferramenta virtual já existe, logo, é adequado explorá-la a fim de encontrar meios e possibilidades de socializar leituras, informações sobre autores e gêneros nesse ambiente moderno e dinâmico, enquanto ele ainda é considerado novidade.

Apesar de vivermos numa sociedade que se diz moderna e democrática, carregamos certos preconceitos quanto às práticas de leitura vinculada ao uso da internet. Quando nos libertarmos de pré-conceitos que enfatizam que ciberespaços e certos gêneros literários não combinam, permitiremos que o modo de ler seja modificado, que a postura que muitos alunos apresentam enquanto a prática da leitura seja desconstituída. O ato de ler pode ser divertido e provocar discussões proveitosas, que sejam harmoniosas, instigantes e descontraídas.

Além do ciberespaço, existe a possibilidade de tornar o exercício da leitura mais atraente por meio do trabalho em grupo, com discussões que permitam o diálogo entre os livros que foram escritos nos séculos passados e os problemas que adolescentes enfrentam nos dias atuais.

Este é o ato que agrega leitores e sujeitos que pensam e agem, seguem condutas, atitudes e modos de discernimento diferenciados, voltados para a problematização, no caso, a leitura de um romance ou outro texto específico. Esse gesto, por sua vez, aproxima aqueles que, talvez, jamais se encontrassem ou falassem, fazendo que o improvável deslize a partir dos sentidos produzidos pelos que interagem; estamos diante, então, de um *fechamento semântico abrangente*, que pode ser retomado a qualquer momento, sem que se torne uma unidade fixa de sentidos previamente dados (QUELHAS, 2015, p. 51).

Assim como o uso da internet, as discussões coletivas sobre leitura permitem que adolescentes aprendam sobre temas que jamais imaginariam. Discutir textos - principalmente os literários, aparentemente difíceis e pouco atrativos, - é necessário e devemos proporcionar essa experiência aos alunos que, enquanto se apropriam de tal situação, podem descobrir que se identificam com diversos assuntos e gostam das questões abordadas. O importante é que todos tenham acesso às possibilidades que os múltiplos gêneros textuais, principalmente os literários, propiciam ao crescimento intelectual e pessoal.

Para Lévy (1999), já enfrentamos bastantes dificuldades em nosso país, tentamos resolver problemas na área da educação, da saúde, de moradia, de transporte, entre outras. Além disso, num mesmo dia podemos vivenciar uma gama de diferentes contextos, o que nos exige a tomada rápida de decisões e atitudes e acaba nos desgastando. Assim, resta-nos pouco ou nenhum tempo e disposição para a transcendência, que apesar de ser geralmente vinculada à prática religiosa, também pode ser experimentada por meio das leituras. Dessa forma, é interessante conhecermos os diversos espaços sociais em que podemos realizar essa prática.

Vemos até aqui que as dificuldades com a leitura nas escolas envolvem questões culturais e sociais de séculos passados e que alguns aspectos negativos se arrastam até hoje na formação dos nossos alunos. O desafio de formar leitores letrados pode ser vencido, principalmente com muito preparo e algumas práticas pedagógicas que venham de encontro com a evolução da sociedade.

O trabalho com a leitura precisa acompanhar as realidades vivenciadas nos contextos dos discentes e uma das ferramentas que garante resultados positivos é a internet, que permite a exploração dos acervos literários, tornando o conteúdo mais atrativo para muitos estudantes. Outro aspecto abordado e que pode surtir bons resultados é a leitura coletiva e o debate em grupos, que conseguem aliar assuntos textuais escritos nos séculos anteriores com questões vivenciadas hoje pelas nossas crianças.

Acreditamos, portanto, que o ideal é que cada professor repense sua prática enquanto sujeito inserido em uma sociedade que muda em ritmo acelerado. As possibilidades são diversas, logo, é válido conhecer com propriedade o público com que se trabalha para realizar a escolha adequada e significativa da abordagem do conteúdo.

## 2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DOS CLÁSSICOS

Neste segundo capítulo, vamos abordar a importância dos clássicos literários, verificando que a leitura dessas obras e a literatura como um todo contribuem de maneira muito significativa na formação dos jovens. Incitaremos a necessidade da literatura enquanto dimensão fundamental da vida e do conhecimento humano, evidenciando o fato de que ela se faz necessária como ferramenta auxiliar e estimulante do exercício da reflexão, que se torna cada vez mais ocasional nos tempos atuais.

### 2.1 A LITERATURA E SUAS CONDIÇÕES LEGAIS

É de grande importância uma análise crítica das colocações trazidas pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), documento elaborado com a finalidade de oferecer subsídios para uma reflexão sensata sobre o currículo do Ensino Médio, período decisivo na vida do estudante adolescente. Tais orientações asseguram as práticas mencionadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (1998) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (2002). Temos como argumentação que favorece o ensino da literatura na escola, o seguinte apontamento:

Imersos, nesses tempos, mais do que nunca se faz necessária a pergunta: por que ainda a Literatura no currículo do Ensino Médio se seu estudo não incide diretamente sobre nenhum dos postulados desse mundo hipermoderno? Boa parte da resposta pode ser encontrada talvez no próprio conceito de Literatura tal como utilizamos até aqui, isto é, em seu sentido mais restrito. Embora se possa considerar, *lato sensu*, tudo o que é escrito como Literatura (ouve-se falar em literatura médica, literatura científica, etc.), para discutir o currículo do ensino médio tomaremos a Literatura em seu *stricto sensu*: como arte que se constrói com palavras (p. 52).

De acordo com o trecho, a literatura - como forma de expressão artística que se constrói com palavras -, deve fazer parte da vida do homem moderno, que utiliza a linguagem verbal para se comunicar dentro das várias esferas sociais das quais ele faz parte. Osakabe (2004) reconhece que a disciplina de literatura no ensino médio tem caráter transgressor e libertário, possibilitando,

assim, o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso por parte dos alunos diante do mundo, além de contribuir para o aprimoramento da leitura e da escrita. Osakabe (2004) ainda acrescenta que o trabalho com a literatura na escola vai ao encontro de um dos principais objetivos do ensino médio, já previsto na Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional (1996): “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDBEN 1996, Art. 35).

Além de Osakabe, Cândido (2004) ressalta o valor da literatura para o homem moderno, afirmando que ela se manifesta naturalmente no nosso cotidiano.

A literatura aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim, como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] (242).

E continua:

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. [...] (243).

Por fim, Cândido (2004) acrescenta:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas [...] (p. 243).

Cândido (2004) ainda acrescenta à literatura - como objeto construído - a capacidade de organizar o pensamento do leitor, pois, se pensarmos no texto literário como tijolos e abstrairmos o sentido que o poeta ou o narrador atribuiu

à obra, enxergaremos apenas a organização textual, o modelo de coerência e de coesão criado pela junção das palavras no texto, portanto, a obra literária é capaz de organizar o pensamento e os sentimentos do leitor. O autor menciona que o valor literário de um texto está vinculado ao trabalho com a linguagem “que se faz com arte”, sempre na intenção de produzir efeito estético. Dessa forma, podemos afirmar que a literatura se constrói de “forma ordenadora”, por meio da “organização da palavra”. Segundo Cândido (2004), os leitores de literatura aprendem a ler não apenas conteúdos, mas passam também a realizar a leitura das formas. Assim, são capazes de se deter nas escolhas feitas para se contar uma história, visto que experimentam o contato com a literatura e se apropriam das características proporcionadas por esse contato, tornando-se leitores que refletem sobre a prática da escrita.

Ainda para Cândido (2004, p. 246): “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar, em seguida, a organizar o mundo [...]”. O autor ainda coloca:

Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. [...]. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma [...] (p. 246).

Quando nos questionamos sobre como a Literatura – arte que se constrói com palavras –, com sua forma e sua organização, pode auxiliar na promoção de valores permanentes, como: a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico, temos apontamentos interessantes. Calvino (1990), por exemplo, declara sua confiança na Literatura e na importância dos clássicos e afirma que certos valores, como leveza, rapidez, exatidão e visibilidade só podem ser alcançados por meio da literatura e de suas particularidades. É válido utilizar um trecho de uma imagem poética do autor para argumentar o potencial formativo da literatura, o mito da Medusa, que apresenta grande força expressiva.

O único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa é Perseu, que voa com sandálias aladas. Perseu, que não volta jamais o olhar para a face da Górgona, mas apenas para a imagem que vê refletida em seu escudo de bronze. Eis que Perseu vem ao meu socorro até mesmo agora, quando já me sentia capturar

pela mordança de pedra [...] Melhor deixar que meu discurso de elabore com as imagens da mitologia. Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só se pode revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho. Sou tentado de repente a encontrar nesse mito uma alegoria da relação do poeta com o mundo (p. 16).

Nota-se que o exemplo de Calvino é proveniente de um clássico, a tragédia de Medusa, e a imagem metafórica utilizada trata a literatura como um espelho que permite enxergar a realidade, mesmo que de um modo indireto, sem que sejamos petrificados por ela; a literatura - enquanto função existencial - representa a busca da leveza como reação ao peso do viver. Essa é a visão catártica da literatura, que advém do papel que as tragédias desempenhavam na cultura grega. Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C) afirmava que para uma tragédia ser eficaz deveria despertar no público os sentimentos de dor, piedade e terror e, em seguida, incitar o efeito moral e purificador, aliviando esses sentimentos. Então, a literatura – enquanto representação da experiência humana – permite que cada sujeito compreenda quem é e até onde pode chegar dentro de um mundo cheio de tensões e conflitos.

Nessa visão da literatura como processo catártico, Cândido (2004) afirma ser imprescindível que os direitos humanos e da literatura sejam garantidos a todos os indivíduos, independente da classe social a que pertençam. Um direito consegue se vincular diretamente ao outro quando notamos que os textos literários possuem grande poder formador e que, por isso, são capazes de humanizar. O autor esclarece:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (p. 180).

Isso não quer dizer que só a obra perfeita humaniza, ou seja, os clássicos. A obra de menor valor também provoca efeitos no leitor e, em geral,

a literatura é a união de textos de maior valor e de menor valor, formando um conjunto de obras que nos guiam e que influenciam no nosso cotidiano. Cândido (2004) explica o fato de a literatura de menor valor também contribuir culturalmente, citando como exemplo os autores Abguar Bastos, Guilhermino César, Amando Fontes, que pertenceram à segunda fase do modernismo brasileiro, mas que não são muito conhecidos pelos leitores e ficam ocultados atrás dos nomes Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Érico Veríssimo. Contudo, isso não significa que esses autores menos populares não tiveram importância no que diz respeito ao objetivo da geração de 30: denunciar a miséria e a exploração humanas.

Por outro lado, não podemos negar que, se a literatura é um direito de todos e há uma parcela da sociedade privada das obras de Érico Veríssimo ou de Graciliano Ramos, é também um problema. A literatura de massa, apesar de essencial, não é suficiente para a formação do indivíduo. Como afirma Cândido (2004), é preciso que a literatura erudita, como se denomina a literatura dos clássicos, esteja ao alcance de todos. É válido ressaltar que não se trata apenas de má distribuição de renda, trata-se do fenômeno da dominação da cultura de massa, o que é bastante preocupante no mundo contemporâneo.

Quase noventa anos depois da geração de 30, ainda sofremos com as mazelas sociais e enfrentamos um momento em que o processo de humanização é necessário e urgente, pois percebemos que os indivíduos tornam-se mais egoístas e menos pensantes. Estamos vivendo de forma automática, a reflexão e o pensamento a longo prazo são práticas cada vez mais distantes da realidade, e os reflexos desse estilo de vida moderno penetram a sala de aula, onde o professor constantemente caminha no sentido contrário ao dos valores e objetivos ocultados nos clássicos literários, ou seja, não promove a discussão ou a reflexão.

Sobre o problema da massificação cultural, Paulino (2001) menciona que ensinar literatura aos alunos, principalmente no ensino médio, tornou-se um grande desafio, pois a literatura erudita é quase um talismã inalcançável. Por isso, é essencial que o professor que formará leitores compreenda o fato de que a literatura se faz indispensável, pois é capaz de transgredir o senso comum, consegue nos deslocar e nos permite um olhar diferenciado para o

mundo ao nosso redor, além de nos fazer descobrir coisas que pensávamos não existir ou imaginávamos, apenas, principalmente em nós mesmos: “o clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber)” (Calvino, 2007, p.12).

Além das descobertas proporcionadas pelo universo literário, Paulino (2001) esclarece que existem outros inúmeros motivos para se ler e trabalhar com a literatura em sala de aula, entre eles: conhecer parte de nosso patrimônio cultural e artístico, conhecer a história de nossa literatura, conhecer e reconhecer a história pessoal e profissional de nossos grandes autores, refletir sobre um tempo histórico a partir de suas manifestações artísticas e literárias, entre outros.

Pelo fato, portanto, de ser a literatura uma matéria fundamental para o aproveitamento acadêmico e pessoal dos alunos e ser o seu ensino desafiador; é de extrema importância que o professor, ao preparar suas aulas, tenha pleno conhecimento de com quem vai ler e para quem vai ler, pois, conhecendo seu público, terá maiores chances de garantir um material interessante, que tenha significado para os alunos e que inspire a maioria deles.

Sabemos que dentro dos espaços escolares existem inúmeros desvios operados pelo próprio processo escolar e que precisam ser contornados, pois somente assim o valor da literatura como motivadora de reflexão será alcançado; e é por meio das práticas centradas no letramento literário que fica mais fácil cumprir a tarefa de fazer com que os alunos aprendam a ler literatura e a gostar dela.

O termo *letramento* pode ser definido como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (Soares, p. 47). Nesse sentido, podemos concluir que o letramento literário representa a condição de todo sujeito que adquiriu a capacidade não apenas de ler um poema ou um conto, mas aprendeu a gostar de ler os diversos gêneros literários e o faz por escolha própria, por perceber que descobriu uma leitura que se associa ao prazer estético.

Soares (2004) também concorda com o fato de que trabalhar literatura nas escolas, sobretudo com o público adolescente, é um grande desafio a ser vencido, visto que nessa fase existem inúmeros motivos que limitam a

experiência literária. Temos de lidar com o fato de que a leitura de clássicos parece estar na contramão do ritmo de vida dos adolescentes, que não conhecem os tempos longos de leitura e acham que a leitura de “velharias” não modifica em nada sua vida acadêmica, nem sua vida pessoal. Calvino (2007), afirma:

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza [...] (p.10).

É comum que o professor ouça perguntas como “Por que ler os clássicos ao invés de lermos coisas que nos façam entender o nosso presente?” ou “Como vou arranjar tempo para ler mais um livro?” Porém, é necessário que ele faça uma intervenção, explicando para os alunos a indiscutível importância que os clássicos exercem sobre nós, além de deixar claro que o presente é o ponto em que nos situamos para olhar para o passado ou para o futuro.

O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para a frente ou para trás. Para poder ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Assim, o rendimento máximo da leitura dos clássicos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sábia dosagem. E isso não presume necessariamente uma equilibrada calma interior: pode ser também o fruto de um nervosismo impaciente, de uma insatisfação trepidante (Calvino, 2007, p. 14-15).

Os alunos precisam compreender os clássicos como documentos históricos de grande importância cultural. É com Homero (928 A.C - 898 a.C.), em sua *Odisseia*, que descobrimos valores da cultura clássica - da qual a nossa é originária - em que os homens eram motivados pelas bênçãos ou pelos castigos divinos. Através da personagem Luísa, de Eça de Queirós (1845 - 1900), percebemos o quanto a classe feminina evoluiu do século XIX até a modernidade, deixamos de nos distrair apenas com romances românticos e

passamos a ocupar vagas no mercado de trabalho. É Robin Hood que nos traz à luz o momento da tomada de consciência social da época moderna, da Revolução Francesa em diante. No Brasil, Aluísio Azevedo (1857 - 1913) narra, n' *O cortiço*, o crescimento dos centros urbanos sem o devido planejamento, o que resulta nos grandes aglomerados habitacionais, os cortiços, em que famílias viviam juntas, dividindo pequenos cômodos e muitas histórias.

Não apenas documentos históricos, a maioria dos clássicos é motivadora da reflexão e do pensamento crítico, essas obras oferecem uma leitura atemporal, não superficial e conversam com os leitores nas entrelinhas. Citamos como exemplo, mais uma vez, a epopeia homérica *Odisseia*, que narra a viagem de Ulisses, uma viagem não de ida, mas de retorno, nas palavras de Calvino (2007); o Ulisses que retorna à Ítaca talvez não seja o mesmo que partiu para Troia, suas experiências o tornaram um outro homem; ele faz com que o público embarque em uma viagem mítica no mundo do sonho, mas esse mundo do sonho é a imagem da realidade em que vivemos, na qual o homem que sofre e que teme a morte se acha imerso e sem escapatória.

Outro clássico de valor atemporal é *Grande sertão: veredas*, a obra mais conhecida de Guimarães Rosa, que trata de temas como o amor, a violência, a morte, a traição, o sentido da vida, o aprendizado; enfim, reflexões que não são exclusivas do sertão mineiro, são também do homem urbano, ou do homem do campo, tanto do norte quanto do sul do país. Na verdade, Guimarães Rosa é um escritor universal e sua obra sintetiza uma trajetória de experiências que poderiam ter sido vividas por qualquer ser humano, em qualquer lugar do globo.

As histórias que os clássicos nos contam são diversas e influenciam de maneira positiva qualquer que seja seu leitor, com isso, afirmamos que, apesar das adversidades, é válido o esforço em sala de aula para motivar os alunos à prática da leitura de clássicos, pois eles deixam sua semente. Calvino (2007, p. 15) define clássico como: “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”, “são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.” ( p.10).

Assim, o trabalho do professor para promover o letramento literário permite que os jovens se apropriem efetivamente da condição de leitores e sejam capazes de gozar das experiências e dos prazeres oriundos do contato com a literatura. Os clássicos literários são um rico material a ser trabalhado com o ensino médio, pois sua leitura garante a abordagem de temas que acrescentarão na formação acadêmica e pessoal dos alunos; os clássicos, concebidos por Calvino (2007, p. 10) são: “aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido”, exercem influência no leitor, pois “chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (p.11).

Portanto, antes de conteúdo legal a ser ministrado em sala de aula, o trabalho literário garante a formação de adolescentes mais humanizados, que têm habilidade de enxergar a sociedade com novos olhares e até mesmo modificar atitudes que destoam da realidade que vivenciamos. Apesar de alguns muito antigos, os clássicos literários permitem discussões atuais e garantem o amadurecimento crítico e autônomo dos sujeitos. Vale ressaltar que o modo como o professor abordará o conteúdo e preparará suas aulas fará grande diferença na aceitação ou não por parte dos alunos. A formação de leitores letrados em literatura é um dos grandes objetivos desafiadores dos professores. É essencial que os alunos sintam prazer em ler literatura erudita, que consigam apreciar a leitura e desfrutar de seus prazeres, não o fazendo por simples cumprimento acadêmico.

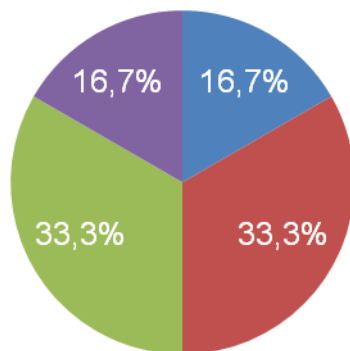
### 3. PESQUISA COM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Após dissertar sobre as adversidades históricas e culturais - no que diz respeito à formação de leitores -, bem como constatar a importância da leitura, da literatura como um todo, e dos clássicos para a formação pessoal e acadêmica dos alunos; vamos, neste terceiro capítulo, elucidar as informações teóricas com o apoio de dados coletados em questionário aplicado em uma sala de aula da rede privada de ensino, no município de Jundiaí (SP). Os alunos questionados compõem uma turma de terceiro ano do ensino médio, sendo alguns do sexo masculino e outros do feminino, com idade entre 16 e 18 anos.

Abaixo seguem a tabela com as questões formuladas especificamente para o desenvolvimento dessa pesquisa e os gráficos com os resultados percentis de cada resposta.

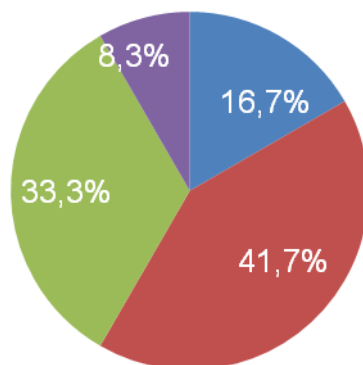
Questões		a	b	C	d
1	Você gosta de ler?	muito	pouco	muito pouco	nada
2	Você lê materiais informativos (jornais, revistas, sites de notícias, blogs etc.)?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
3	Você lê livros com que frequência?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
4	Os aparelhos digitais (computadores, tablets e smartphones) colaboram para que você não leia livros?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
5	Você tem livros paradidáticos em casa?	muitos	poucos	quase nenhum	nenhum
6	Fora da escola, você recebe estímulo à leitura?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
7	Você lê os clássicos recomendados pela escola?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
8	Você lê clássicos sem a recomendação da escola?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
9	Você se diverte com os livros que lê?	sempre	quase sempre	quase nunca	nunca
10	Você acha a leitura de clássicos importante para a sua vida acadêmica?	muito	pouco	muito pouco	nada
11	E para a sua formação pessoal?	muito	pouco	muito pouco	nada

Você gosta de ler?



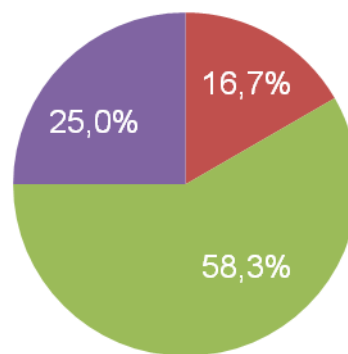
■ muito ■ pouco ■ muito pouco ■ nada

Você lê materiais informativos (jornais, revistas, sites de notícias, blogs, etc.)?



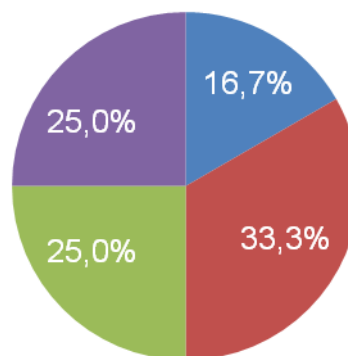
■ sempre ■ quase sempre ■ quase nunca ■ nunca

Você lê livros com que frequência?



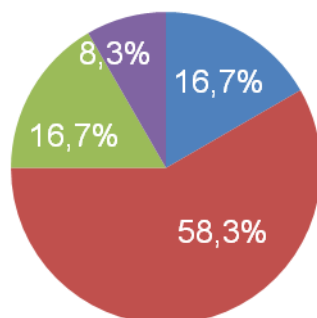
■ sempre ■ quase sempre ■ quase nunca ■ nunca

Os aparelhos digitais (computadores, tablets e smartphones) colaboram para que você não leia livros?



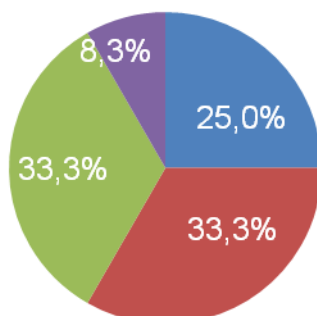
■ sempre ■ quase sempre ■ quase nunca ■ nunca

Você tem livros paradidáticos em casa?



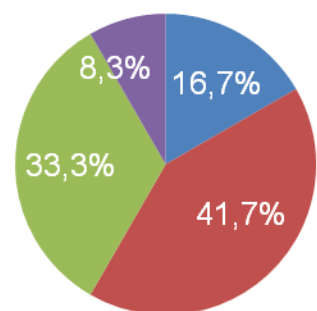
■ muitos ■ poucos ■ quase nenhum ■ nenhum

Fora da escola, você recebe estímulo à leitura?



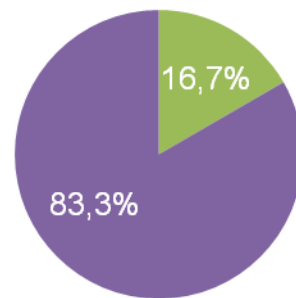
■ sempre ■ quase sempre ■ quase nunca ■ nunca

Você lê os clássicos recomendados pela escola?



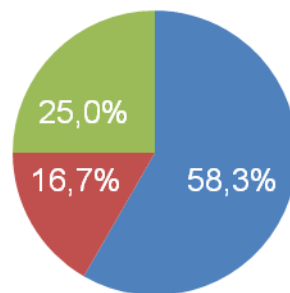
■ sempre ■ quase sempre ■ quase nunca ■ nunca

Você lê clássicos sem a recomendação da escola?



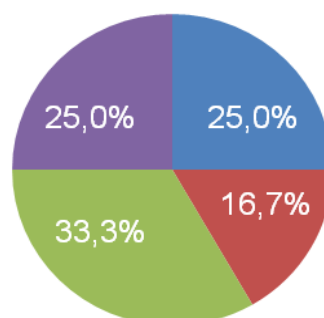
■ sempre ■ quase sempre ■ quase nunca ■ nunca

Você acha a leitura de clássicos importante para a sua vida acadêmica?



■ muito ■ pouco ■ muito pouco ■ nada

E para a sua formação pessoal?



■ muito ■ pouco ■ muito pouco ■ nada

### 3.1 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA CORRORBORANDO COM A TEORIA

Ao analisarmos os gráficos, comprovamos o fato de que a leitura não é uma prática muito presente no cotidiano dos alunos, que ainda não enxergam a obra literária, principalmente a canônica - os clássicos -, como transgressora de normas e regras e oferecedora de múltiplas possibilidades de significação.

O espaço que a leitura dos clássicos ocupa no universo dos jovens ainda é pequeno, visto que são lidos apenas por obrigação e são facilmente trocados pelos aparelhos eletrônicos, o que prova que o livro não é o suporte preferido de leitura. Os jovens estimam a leitura de materiais eletrônicos como revistas e jornais e, com isso, os livros - que servem como suporte de obras e autores considerados clássicos - estão longe de ocupar os primeiros lugares da lista de preferências.

O fato de os jovens apresentarem resistência à leitura de literatura, sobretudo quando se trata da literatura “clássica”, evidencia um claro descompasso entre as práticas de leitura que transitam no ambiente escolar e as discussões sobre leitura fora do espaço da escola. As respostas às perguntas 7 e 8 ilustram esse descompasso, pois os alunos entrevistados alegam que têm interesse pela leitura dos clássicos, se recomendados pela escola, caso contrário, não leem.

Outro fator que colabora para o fracasso do ensino da literatura é o fato de apenas os professores de Língua Portuguesa, de Literatura ou de Redação se responsabilizarem pelas leituras dos clássicos, exigidas pelo vestibular. Ao contrário do que muitos professores de outras esferas do conhecimento pensam, é tarefa de todos os educadores analisar a obra literária, pois só assim o texto seria tratado sob a ótica interdisciplinar e os alunos reconheceriam as relações entre Literatura e Sociologia, Literatura e História, Literatura e Geografia, entre outras.

Além disso, práticas equivocadas de leitura e de abordagem dos clássicos podem estar por trás da resistência dos jovens pela leitura. Muitos professores, inclusive de Língua Portuguesa, dizem que a literatura é chata ou que alguns livros são muito difíceis, o que faz com que os adolescentes

tenham que os clássicos não têm nada a lhes dizer, não despertarão suas emoções, nem lhes trarão surpresas e aventuras.

Os resultados apontam, portanto, que o discurso dos jovens leitores delata sua falta de informação e de conhecimento em relação aos clássicos, pois a atualidade dessas obras não é reconhecida e seu tom pedagógico é ocultado. No entanto, o fato de que, segundo Calvino (2011), os clássicos nunca terminam de dizer o que têm a dizer, precisa ficar evidente para esses jovens.

Concordamos com Silva (2003), quando esta afirma que:

A educação literária proposta pela escola merece ser reavaliada, a fim de que nossos alunos-leitores possam encontrar razões concretas para o estudo da literatura como fenômeno artístico atrelado às transformações históricas, sociais e culturais (p.524).

Na tentativa de encontrar mecanismos para a realização eficaz do processo de ensino-aprendizagem da literatura na escola, é válido destacar a tarefa do professor que, no papel de educador, precisa ultrapassar o discurso de simples constatação da importância do livro e do ato de ler, para caminhar em direção a ações concretas, demonstrando o compromisso que todos devemos ter com a prática da leitura e também com a literatura.

Se o espaço dedicado à literatura ficar restrito à sala de aula e não houver uma articulação entre a literatura, leitura e outras disciplinas, as aulas de literatura no Ensino Médio - fase de extrema importância para a formação acadêmica e pessoal dos adolescentes -, continuarão a ser ministradas com um único objetivo: o reconhecimento das características estéticas de alguns autores e obras em determinados períodos literários.

Enquanto a literatura não transpuser os muros da academia e o espaço físico das salas de aula, se limitará a questões formais, gramaticais ou históricas. É preciso que o ensino de literatura encontre meios de convencer o aluno de que a leitura do texto literário pode ser divertida, proveitosa e que a imaginação do leitor pode ser muito estimulada no ato dinâmico da leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se discute a presença da literatura na sala de aula, é pertinente encarar os obstáculos impostos pelos alunos e, muitas vezes, pelos próprios professores, que oferecem certa resistência a determinadas leituras eruditas. É preciso que a escola amplie as atividades, fugindo da leitura reprodutiva e caminhando em direção a uma leitura construída, ou seja, a literatura tem que ser apresentada como uma atividade de construção e reconstrução de sentidos. O texto literário não pode mais ser tratado de modo isolado, “como espécie de expressão artística que por si só já carrega significação própria e independente da atualização do aluno-leitor.” (SILVA, 2003).

A abordagem da literatura como um conjunto de textos marcados pelo uso de uma linguagem complexa e bem trabalhada promove um afastamento entre os leitores e as obras literárias, que ficam restritas a uma elite capaz de decifrar essa linguagem. O texto literário não é singular, ao contrário, é marcado pela relação de diversos códigos linguísticos, estilísticos, ideológicos e sociais, e é desta forma que o aluno precisa compreendê-lo, como de interação entre a literatura e outras áreas do saber.

Além da abordagem da literatura erudita como algo distante, quase inatingível, outro fator que dificulta o tratamento da literatura na escola, mais especificamente no Ensino Médio, é a metodologia utilizada nessa fase escolar, que é voltada para o vestibular. Se as escolas têm como objetivo principal um alto índice de aprovação, como, então, explorar a pluralidade e a diversidade do texto literário nos limites de centenas de questões objetivas?

Pode-se afirmar que o ensino de literatura e a leitura proveitosa dos clássicos, embora muito discutidos, continuam sendo desafios para os professores atuantes, pois:

A escola tem papel primordial na formação de leitores/produtores de textos e a literatura pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos como usuários da língua que ampliarão as estratégias comunicativas, a partir da leitura crítica, compreensão e produção de textos diversos (SILVA, 2003, p.522).

É necessário que os alunos percebam que os clássicos tem valor inestimável e promovem a reflexão dos leitores, pois discutem temas atemporais e universais, como a *Odisseia*, por exemplo, que, apesar de ter sido escrita em um tempo remoto, antes de Cristo, é carregada de valores modernos. Para Calvino (2007), a personagem Ulisses arrasta seu público a uma viagem pelo mítico mundo do sonho, mas esse mundo mítico se torna simultaneamente a imagem do mundo real em que vivemos, no qual dominam necessidades pavor e dores, e nesse mar de emoções que é o mundo real, o homem está mergulhado sem refúgio.

Os alunos devem, portanto, enxergar a literatura como um refúgio. O jovem leitor tem de compreender a literatura como um fenômeno cultural, histórico, social e também político, que manifesta as contradições e os conflitos da realidade. A literatura pode produzir significado para o contexto em que estamos inseridos.

Dessa forma, Silva enfatiza que:

[...] “ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar para o aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária. [...] (p. 523).

Defendemos neste trabalho a leitura da literatura canônica, mas é válido esclarecer que a posição de defesa dos clássicos não exclui outras obras, afinal, de acordo com Calvino (2007), o aproveitamento máximo da leitura dos clássicos advém para o leitor que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sensata dosagem. E isso não presume necessariamente uma equilibrada calma interior: pode ser também o fruto de um nervosismo impaciente, de uma insatisfação trepidante.

Reconhecendo a importância de nossos clássicos, a boa literatura é promovida por poder oferecer reflexão crítica e exercer poder transgressor. O contato com essa literatura pode favorecer o exercício da liberdade, indispensável à construção do pensamento autônomo e responsável.

Além disso, recomendamos os clássicos porque é inegável seu conteúdo de qualidade, sua abordagem de temas pertinentes, modernos e

inéditos. As obras clássicas criam laços com os leitores, que se reconhecem nas personagens e nos temas e acaba por descobrir o prazer da leitura.

Ao abordarmos a leitura dos clássicos no Ensino Médio como “o um desafio a ser vencido”, reconhecemos a dificuldade de construir espaços de contato direto e individual com textos mais “densos”, que exigem mais atenção, que recusam a pressa e as práticas mecânicas e engessadas do cotidiano da sala de aula. Aqui cabe uma afirmação de Barros pela produção de diferença:

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros (BARROS 1998, apud DIAS, SILVA e MOURA, 2015)

A literatura permite que nós sejamos outros, que realizemos diversos papéis sociais, através dela é possível experimentar o convívio com outra família, morar fora da cidade ou do país, ter irmãos ou sermos filhos únicos, enfim, viver a vida que quisermos dentro dos livros. Porém, sabemos que não é tarefa fácil criar espaços sociais para troca experiências de leitura, visto que os currículos escolares são pouco elásticos e as avaliações externas, principalmente os vestibulares, definem práticas prejudiciais à promoção do letramento literário, assinalando que o ensino de literatura é, antes, o ensino da história da nossa literatura.

Sabemos que a literatura, assim como a leitura, é um direito de todos e ambas precisam atravessar o muro das escolas. O desafio do sucesso de ensino-aprendizagem dessas práticas consiste na escolha de técnicas pedagógicas que respeitem a fruição oriunda do contato com a literatura, juntamente com a criação de espaços de escolha e leitura mais espontâneas, promovendo o contato mais íntimo dos alunos com essas práticas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Begma Tavares. A Leitura dos clássicos na escola: um desafio a ser enfrentado no letramento de jovens. III Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita. UFMG, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/Begma-Tavares-Barbosa.pdf>. Acesso em: 06 de junho de 2015.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura**: vários escritos. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Seis propostas para o novo milênio**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; SILVA, Rafaela Corrêa; MOURA, Renata de Souza. **Iniciação à docência, leitura e aproximações inventivas no território da biblioteca**. In: MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; WILSON, Victoria. *Leitura, escrita e ensino: discutindo a formação de leitores*. São Paulo: Summus, 2015.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed, 1996.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, S.; TEDESCO, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro**: século XIX. São Paulo, Brasília: Hucitec; INL, 1984.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**: o conceito universal sem totalidade. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed, 1999.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; WILSON, Victoria. **Leitura, escrita e ensino**: discutindo a formação de leitores.

**ORIENTAÇÕES CURRIULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2006.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura**: orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004.

PAULINO, Graça. **Letramento literário**: por vielas e alamedas. Revista da Faced, n.5. Salvador: Faced/ UFBA, 2001.

QUELHAS, Iza. **Leituras e sociabilidade**. In: MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; WILSON, Victoria. *Leitura, escrita e ensino: discutindo a formação de leitores*. São Paulo: Summus, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2001.